

ESTUDO E INTERVENÇÃO DE UM MANICÓRDIO ITALIANO (SÉCS. XVIII-XX), DO MUSEU NACIONAL DA MÚSICA

STUDY AND CONSERVATION-RESTORATION INTERVENTION OF AN ITALIAN MANICORD (18TH-20TH CENTURIES) FROM THE NATIONAL MUSEUM OF MUSIC

Francisca Fernandes Machado*

Resumo

Este artigo apresenta o estudo aprofundado e a intervenção de conservação e restauro do manicórdio atribuído a Alfredo Keil, atualmente preservado no Palácio Nacional de Mafra. O trabalho insere-se no contexto da investigação em conservação e restauro aplicada a instrumentos musicais históricos, articulando metodologias de análise científica com uma leitura histórico-artística. O objeto, cuja proveniência está ligada ao colecionismo oitocentista e às falsificações de Leopoldo Franciolini, revela-se um exemplo paradigmático das complexas relações entre autenticidade, gosto romântico e práticas museológicas. São descritos o estado de conservação, os exames técnicos realizados e as opções de intervenção, bem como discutidas as implicações do restauro na valorização patrimonial e museológica da peça.

Palavras-chave: Clavicórdio, coleção Keil, conservação e restauro, instrumentos musicais, Leopoldo Franciolini, Museu Nacional da Música, património cultural.

Abstract

This article presents the in-depth study and conservation-restoration intervention of the manicord attributed to Alfredo Keil, currently preserved at the Palácio Nacional de Mafra. The work is framed within the context of conservation and restoration research applied to historical musical instruments, combining scientific analysis methodologies with a historical-artistic approach. The object, whose provenance is linked to nineteenth-century collecting and the forgeries of Leopoldo Franciolini, emerges as a paradigmatic example of the complex relationships between authenticity, romantic taste, and museological practices. The conservation state, technical examinations, and intervention choices are described, as well as the implications of restoration for the

patrimonial and museological valorization of the piece.

Keywords: Conservation and restoration, clavichord, cultural heritage, Leopoldo Franciolini, musical instruments, National Music Museum, Keil Collection.

Introdução

O presente artigo resulta do estudo e da intervenção de conservação e restauro de um manicórdio de origem italiana (sécs. XVIII–XX), pertencente ao acervo do Museu Nacional da Música. O trabalho foi desenvolvido no âmbito de um estágio curricular realizado entre Outubro de 2023 e Julho de 2024 no Laboratório José de Figueiredo, em Lisboa, no contexto do Mestrado em Conservação e Restauro de Bens Culturais da Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional do Porto.

A peça em estudo constitui um caso raro dentro do património organológico português. Apresenta-se como um instrumento de teclas de pequenas dimensões, formalmente aparentado com o clavicórdio. A análise histórica permitiu associá-lo à produção e ao comércio de falsificações musicais desenvolvidas em Itália na segunda metade do século XIX, em particular à figura de Leopoldo Franciolini, antiquário florentino cuja atividade influenciou fortemente o mercado europeu de instrumentos musicais antigos.

A atribuição do manicórdio à coleção de Alfredo Keil compositor, pintor e colecionador confere à peça um valor histórico e simbólico adicional. Integrada na sua coleção pessoal e posteriormente incorporada no Museu Nacional da Música, esta peça reflete o espírito revivalista e o colecionismo musical oitocentista, bem como a circulação transnacional de falsificações artísticas associadas ao gosto romântico pela antiguidade.

A intervenção teve como principais objetivos: (1) caracterizar o instrumento do ponto de vista histórico, técnico e material; (2) identificar as patologias e necessidades de conservação; (3) definir e aplicar uma estratégia de restauro eticamente fundamentada; e (4) refletir sobre o papel museológico da peça no contexto do futuro Museu Nacional da Música no Palácio Nacional de Mafra, onde será integrada no percurso expositivo permanente.

Este estudo, ao mesmo tempo técnico e interpretativo, propõe uma leitura crítica do objeto, entendendo-o como documento material e cultural. Para além de assegurar a sua preservação física, a investigação permitiu problematizar as noções de autenticidade e falsificação, evidenciando como a conservação e o restauro podem contribuir para uma compreensão mais ampla das práticas colecionistas e das construções históricas do património musical.

Contexto histórico e material

O manicórdio deve ser analisado a partir de diferentes níveis de contextualização: a história do próprio instrumento, as práticas colecionistas do século XIX, as falsificações musicais que proliferaram no mercado internacional e o papel que a peça desempenha hoje no discurso patrimonial e museológico português.

O manicórdio na tradição europeia

O manicórdio, pertencente à família dos cordofones, surgiu na Europa durante o século XVI. Tornou-se especialmente popular em ambientes aristocráticos e burgueses, desempenhando um papel relevante na educação musical doméstica. Era frequentemente associado à formação artística de jovens mulheres, num contexto em que a prática musical era considerada atributo de refinamento e distinção social.

Na sua forma tradicional, o manicórdio apresentava uma caixa retangular, teclas dispostas numa única fileira e um mecanismo simples em que as tangentes pinçavam as cordas. O seu timbre delicado, menos potente do que o do cravo, tornava-o ideal para repertórios intimistas¹.

A partir do século XVIII, o manicórdio entrou em declínio, substituído progressivamente pelo cravo e pelo piano. No século XIX, já sem função musical ativa, sobreviveu na imaginação romântica como símbolo de um passado artístico idealizado. Foi nesse contexto que se deu a sua reinterpretação, tanto através do colecionismo quanto das falsificações, que procuravam responder à nostalgia e ao gosto pela antiguidade.

O revivalismo musical e o colecionismo oitocentista

O século XIX europeu foi profundamente marcado pelo revivalismo histórico. As transformações sociais e políticas que se seguiram à Revolução Francesa despertaram uma nostalgia generalizada pelo passado, refletida em várias esferas: arquitetura neogótica, pintura historicista, literatura romântica e também na música.

Nesse ambiente, formaram-se colecionadores entusiastas e antiquários especializados. Muitos adquiriam instrumentos autênticos; outros, conscientes da procura, fabricavam novas peças de aparência antiga. O gosto oitocentista pela ornamentação e pela patine do tempo criou um mercado fértil para falsificações artísticas. A fronteira entre o autêntico e o inventado tornou-se difusa, refletindo o modo como o século XIX interpretava e recriava o passado segundo os seus próprios ideais estéticos.

Em Portugal, este movimento teve expressão mais limitada, mas significativa. A elite intelectual da segunda metade do século XIX manifestou interesse crescente pelo colecionismo e pela recuperação de objetos artísticos ligados à história nacional. Alfredo Keil destacou-se como uma das figuras centrais deste fenómeno, reunindo uma coleção que procurava harmonizar sensibilidade artística e erudição histórica.

Alfredo Keil: artista e colecionador

Alfredo Keil (1850 - 1907) é recordado sobretudo como autor do hino nacional português, A Portuguesa, mas foi igualmente um pintor e intelectual de espírito romântico. O seu percurso artístico, profundamente influenciado pela estética historicista, refletiu-se no colecionismo, entendido por Keil como extensão da criação cultural.

A sua coleção incluía pinturas, têxteis, mobiliário e instrumentos musicais². Estes últimos assumiam especial importância, pois uniam duas dimensões essenciais: a prática artística e a evocação histórica. O manicórdio

inscreve-se neste contexto não tanto como instrumento funcional, mas como símbolo do esplendor renascentista e barroco, idealizado segundo o gosto romântico oitocentista.

Keil adquiriu o manicórdio em Itália, ao antiquário florentino Leopoldo Franciolini, conhecido pela produção de instrumentos falsificados. A inclusão desta peça na sua coleção não deve ser entendida apenas como erro de avaliação, mas como reflexo de uma época em que o valor estético e simbólico podia prevalecer sobre a autenticidade material³. O colecionador romântico valorizava a emoção evocada pelo objeto tanto quanto a sua origem histórica.

Leopoldo Franciolini e o mercado de falsificações

Leopoldo Franciolini (1844 - 1920) foi uma das figuras mais controversas do comércio europeu de instrumentos musicais antigos. Ativo em Florença, iniciou-se como antiquário legítimo, mas cedo percebeu a rentabilidade das falsificações. Produzia ou transformava instrumentos de forma a parecerem mais antigos, recorrendo a diversos artifícios:

- Introdução de brasões e inscrições apócrifas;
- Reutilização de componentes autênticos em novas estruturas;
- Envelhecimento artificial de madeiras e metais;
- Alteração de proporções para simular modelos renascentistas ou barrocos.

Os seus clientes eram colecionadores cultos, museus e aristocratas que acreditavam adquirir peças genuínas. Só no início do século XX as suas práticas foram amplamente denunciadas, conduzindo à revisão crítica de muitas coleções europeias⁴.

O manicórdio apresenta elementos típicos dessas falsificações: brasão papal incongruente, inscrições falsas, cortes abruptos, teclas na ordem errada, e madeiras de diferentes épocas. Tais características apontam claramente para a intervenção de Franciolini ou da sua oficina, refletindo o cruzamento entre erudição, comércio e invenção que marcaram o antiquário musical.

O Palácio Nacional de Mafra como espaço museológico

A localização atual do manicórdio acrescenta-lhe uma dimensão simbólica significativa. O Palácio Nacional de Mafra, mandado construir por D. João V no século XVIII, constitui um dos mais importantes conjuntos barrocos europeus. Desde o século XX, o edifício acolhe coleções que documentam a história política, religiosa e artística do país.

No contexto do futuro Museu Nacional da Música, cuja instalação definitiva em Mafra⁵ está prevista para 2026, o manicórdio integrará o núcleo temático Verdadeiros falsos? Esta secção propõe uma leitura crítica sobre autenticidade e falsificação, explorando a ambiguidade entre verdade histórica e reconstrução artística. O contraste entre o espaço monumental, símbolo do poder régio e religioso, e o carácter híbrido do instrumento convida à reflexão sobre as formas como o passado é continuamente reinventado.

Caracterização técnica e material

O manicórdio estudado pertence ao acervo do Museu Nacional da Música, integrando a categoria dos instrumentos de tecla da família dos cordofones. Apresenta dimensões reduzidas 10,4 cm de altura, 41,5 cm de largura e 24,1 cm de profundidade e estrutura retangular em madeira de ácer. É composto por diversos materiais, incluindo madeira, metal, osso, papel, pele e têxteis, refletindo a sua natureza compósita e complexa (fig. 1).

Trata-se de um pequeno clavicórdio, instrumento de tecla com cordas percutidas por tangentes metálicas⁶. Produz um som suave e expressivo, adequado a contextos íntimos, o que lhe conferia carácter doméstico e pedagógico. A configuração organológica demonstra cuidado técnico, com teclas equilibradas e proporcionadas, embora a baixa intensidade sonora o limitasse à execução solista.

O instrumento possui 26 teclas — 16 diatónicas em ébano e 10 cromáticas revestidas a osso apresentando a particularidade de ter as cores invertidas relativamente ao padrão tradicional. Dispõe de uma corda por tecla, 26 cravelhas de ferro e 23 tangentes metálicas sobreviventes, confirmando a ausência parcial de elementos. As proporções e o ângulo dos braços das teclas indicam fabrico italiano⁷.

A decoração exterior é composta por embutidos geométricos de ébano e buxo formando frisos triangulares, típicos do gosto revivalista oitocentista. O interior da tampa é revestido com papel pintado e impresso com motivos florais e o brasão do Papa Bento XIV, composto por diferentes tipos de papel decorativo, aplicados por xilogravura e coloridos a aguarela. A presença deste escudo, descontextualizado, reforça a hipótese de manipulação decorativa e intenção de falsificação.

Os elementos metálicos incluem charneiras, cantoneiras e fecho em latão, bem como componentes estruturais em ferro. Pequenos têxteis de veludo e pele foram aplicados como amortecedores sob as teclas. A superfície exterior apresenta acabamento semi-brilhante que realça o contraste das madeiras embutidas.

Foram identificadas intervenções posteriores, como substituição e colagem de embutidos com adesivo PVAc. Na base frontal, junto ao teclado, observa-se uma colagem recente que revela restauro não documentado.

A análise estrutural evidenciou incongruências construtivas ausência de cavalete lateral, de apoio para o cepo e número irregular de cordas indicando tratar-se de um objeto não funcional, concebido sobretudo para fins decorativos. Esta interpretação foi corroborada por Geert Karman e Gerhard Doderer, especialistas em cordofones, e por Miguel Cabral de Moncada, que destacou o seu valor enquanto “obra de arte falsa”, inserida no debate sobre autenticidade e falsificação no património cultural.

Em síntese, a análise confirma que o manicórdio, embora apresente aparência de instrumento funcional, foi construído ou modificado com intenções essencialmente estéticas e museográficas, revelando-se um objeto híbrido que reflete práticas artesanais, colecionistas e fraudulentas do século XIX⁸.



Fig. 1. A) Frente do manicórdio; B) Costas do manicórdio aberto com o apoio; C) Frente, 45° à direita do manicórdio com o apoio; D) Fundo do manicórdio. Fonte: Luís Piorro (LJF)

Técnicas analíticas utilizadas e objetivos

Os bens culturais são testemunhos históricos, culturais e artísticos, que se demonstram únicos. O projeto de intervenção sobre este instrumento de madeira, como qualquer outro tipo de intervenção de conservação e restauro, deve ter como base uma análise cuidada da obra, dos materiais constituintes e de quaisquer formas de degradação. A seleção dos exames e análises foi realizada em função do material que se pretendeu caracterizar.

Em seguida são apresentadas as técnicas de exame utilizadas e os respetivos objetivos (tabela 1):

Exames	Objetivos
Observação Macroscópica	Registo do estado de conservação Identificação das madeiras
Espectometria de Fluorescência de Raios X por dispersão de energias	Identificação da liga metálica das ferragens Identificação da camada dourada
Microscopia Ótica (MO)	Identificação da estratigrafia da camada dourada Identificação das madeiras e do osso
Observação por lupa	Identificação das madeiras
Micro-espectroscopia de Infravermelho com transformada de Fourier (μ -FTIR)	Identificação dos Adesivos
Reflectografia Infravermelha	Identificação de inscrições
Câmara Multiespectral	Identificação de inscrições

Tabela 1. Exames e análises e os objetivos.

Levantamento de patologias

A avaliação do estado de conservação foi realizada no Laboratório José de Figueiredo, em colaboração com a equipa de conservação de mobiliário e o Museu Nacional da Música. Ficou decidido que a intervenção no manicórdio teria carácter exclusivamente conservativo, priorizando a estabilização e preservação da sua integridade histórica, uma vez que o instrumento nunca foi funcional (fig. 2).

O objeto, composto por madeira, metais, osso, papel, pele e têxteis, apresentava patologias diferenciadas consoante a natureza dos materiais. A observação direta revelou sujidades generalizadas, poeiras acumuladas e manchas superficiais que comprometiam a leitura visual. Na estrutura em madeira identificaram-se orifícios de insetos xilófagos e fissuras que afetavam a estabilidade, além de frisos descolados ou ausentes. Os embutidos geométricos mostravam deslocamentos, lacunas e colagens com adesivo sintético (PVAc), resultado de intervenções anteriores não documentadas.

Os elementos metálicos apresentavam graus distintos de oxidação: o latão das cantoneiras e dobradiças estava escurecido, enquanto o ferro da portinhola exibia corrosão ativa e pulverulenta. O revestimento em papel no interior da tampa mostrava tonalidade acastanhada, deformações e escorrências de cola proteica, com levantamentos localizados e lacunas causadas por insetos. Próximo do fecho metálico, registaram-se manchas esverdeadas associadas à migração de produtos de corrosão do cobre.

O conjunto encontrava-se estruturalmente estável, mas com riscos de degradação progressiva se não fossem tomadas medidas de estabilização. O diagnóstico final, apoiado em observação e exames laboratoriais, distinguiu patologias estruturais, decorativas, metálicas e biológicas, servindo de base para o planeamento da intervenção de conservação e restauro.

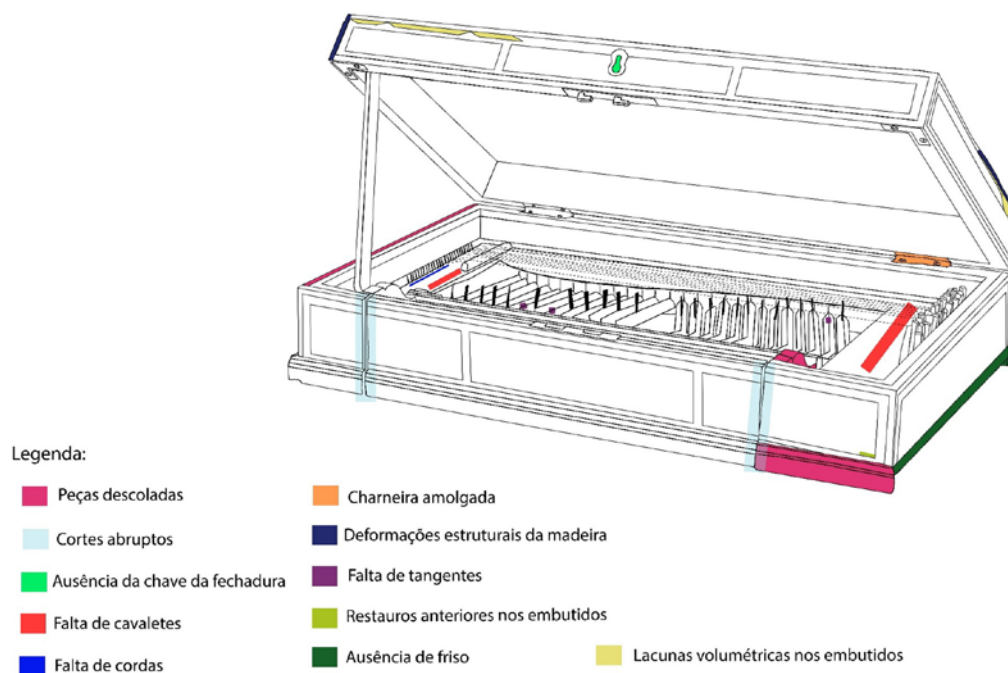


Fig. 2. Mapeamento de patologias.

Critérios éticos de intervenção

A definição dos critérios éticos baseou-se nas cartas internacionais de conservação Carta de Veneza (1964), princípios do ICCROM e teoria de Cesare Brandi⁹. Estes orientaram as opções técnicas e conceptuais:

- Mínima intervenção;
- Reversibilidade;
- Compatibilidade;
- Documentação.

Tratamento efetuado

A decisão de não remover inscrições falsas nem o brasão papal, mas apenas estabilizá-los, decorreu da consciência de que esses elementos fazem parte da biografia cultural do objeto.

- **Documentação fotográfica:** Registo completo do estado de conservação.
- **Limpeza mecânica e química:** Remoção controlada de poeiras e depósitos com trinchas, bisturi e solventes suaves (água, etanol e White Spirit), restituindo a leitura das superfícies.
- **Desinfestação:** Tratamento contra insetos xilófagos com Xylophene SOR 2 ExtremeR e confinamento em anoxia, garantindo estabilidade estrutural.
- **Metais:** Desmontagem, desoxidação e polimento de peças em ferro e latão, seguidas de proteção passiva.
- **Madeiras e embutidos:** Fixação e reconstituição de frisos e embutidos em ébano e buxo, tonalizados e colados com PVAc.
- **Papel:** Limpeza e estabilização dos revestimentos internos com Tylose e etanol; reintegração cromática.
- **Acabamento final:** Aplicação de cera de abelha e cera microcristalina, consoante o tipo de superfície, reforçando a proteção e uniformidade visual (figs. 3 a 5).

Discussão

A análise e intervenção no manicórdio atribuído a Alfredo Keil, atualmente conservado no Palácio Nacional de Mafra, abrem uma reflexão que ultrapassa a dimensão material do objeto. Embora concebido no século XIX como falsificação, o manicórdio possui um valor patrimonial e cultural que o inscreve nos debates sobre autenticidade, colecionismo e teoria da conservação.

O instrumento constitui um testemunho direto das sensibilidades oitocentistas. Num tempo de revivalismo e nostalgia romântica, o século XIX recriou idealizadamente formas artísticas do passado. O manicórdio reflete essa estética do simulacro, sendo simultaneamente um “falso” material e um “verdadeiro” documento cultural. O valor que os colecionadores atribuíam aos objetos não dependia da sua autenticidade, mas da capacidade de evocar uma memória partilhada do passado.



Fig. 3. Frente do manicórdio depois do tratamento.



Fig. 4. Frente, 45° à direita do manicórdio com apoio depois do tratamento.



Fig. 5. Costas do manicórdio aberto com o apoio depois do tratamento.

A relação entre falsificação e autenticidade torna-se, assim, paradoxal. O objeto é falso enquanto recriação renascentista, mas autêntico enquanto produto do século XIX. Segundo Cesare Brandi¹⁰, o valor de um bem cultural reside na sua historicidade a acumulação de transformações ao longo do tempo e, portanto, os elementos apócrifos fazem parte da biografia do objeto. Eliminar as marcas da falsificação seria apagar a sua verdade histórica.

A associação a Alfredo Keil acrescenta-lhe legitimidade simbólica. Figura central da cultura portuguesa oitocentista, Keil representava o ideal romântico e nacionalista, colecionando objetos que evocavam glórias passadas. Ao integrar o manicórdio na sua coleção, conferiu-lhe autenticidade social e cultural, mostrando como a autoridade do colecionador participa na construção simbólica da verdade histórica.

O manicórdio conheceu diversas vidas: a produção como falsificação erudita; a incorporação na coleção Keil; a musealização no século XX; e a reinterpretção crítica atual. O seu valor reside não na origem simulada, mas nas sucessivas camadas de sentido que acumulou ao longo do tempo.

Durante décadas, as falsificações foram marginalizadas no discurso patrimonial.

Reconhece-se que também constituem testemunhos culturais. O manicórdio atualmente demonstra que a cópia pode expressar práticas de gosto, erudição e desejo de reconstituir o passado. Conservar e expor uma falsificação é reconhecer a pluralidade da história material, onde erro e invenção fazem parte da memória coletiva.

No contexto do Museu Nacional da Música, o manicórdio adquire valor pedagógico e reflexivo, convidando o visitante a questionar conceitos de autenticidade e autoridade cultural. Exposto com transparência, torna-se um instrumento de pensamento e não apenas um objeto musical.

Comparado com outros exemplos internacionais, como os museus de Londres, Paris e Copenhaga que preservam instrumentos de Franciolini, o caso português insere-se numa tendência que valoriza a reinterpretação crítica das falsificações. O restauro e a musealização do manicórdio reafirmam que a conservação contemporânea deve adaptar-se à singularidade de cada objeto, entendendo-o como documento cultural e ético.

Em síntese, o manicórdio é falso enquanto renascentista, mas autêntico enquanto testemunho oitocentista; a sua ligação a Keil exemplifica a construção social da autenticidade; o restauro foi um ato interpretativo consciente; e o objeto, ao integrar o percurso expositivo de Mafra, assume valor educativo e crítico, propondo uma visão inclusiva da conservação e do património.

Conclusões

O estudo e a intervenção no manicórdio atribuído a Alfredo Keil, atualmente preservado no Palácio Nacional de Mafra, revelaram-se fundamentais para compreender não apenas um objeto singular, mas também os processos culturais e éticos que moldam o património. Mais do que uma ação técnica, este trabalho configurou-se como uma reflexão sobre autenticidade, falsificação e a função social da conservação e restauro.

Confirmou-se que o manicórdio é um artefacto híbrido, produzido ou transformado no século XIX, no contexto das falsificações musicais associadas a Leopoldo Franciolini. As análises laboratoriais identificaram materiais industriais e técnicas modernas, afastando a hipótese de origem renascentista. Contudo, esta constatação não diminui o seu valor histórico pelo contrário, antes amplia-o, ao inseri-lo num fenómeno cultural europeu de recriação e apropriação do passado.

A intervenção de conservação demonstrou que a prática contemporânea deve ir além da ideia de “recuperar o original”. No manicórdio, não existe um original a restituir, mas uma história feita de camadas, erros e intenções. Assim, adotou-se uma abordagem ética baseada na mínima intervenção, reversibilidade, documentação rigorosa e respeito pela falsificação como parte da biografia do objeto. Longe de apagar as incongruências históricas, a intervenção tornou-as visíveis e compreensíveis.

O manicórdio é igualmente um documento relevante para a história do colecionismo português. A sua associação a Alfredo Keil, figura central da cultura, demonstra como a autenticidade podia ser socialmente construída e legitimada pelo prestígio do colecionador. Este caso mostra que o valor patrimonial não depende apenas da veracidade material, mas também do contexto simbólico em que o objeto foi apreciado.

Por fim, a integração do manicórdio no discurso museológico do Palácio Nacional de Mafra oferece uma oportunidade para explorar uma dimensão crítica do património: o reconhecimento de que a história é também feita de ilusões e recriações. Expor o objeto como falsificação oitocentista reforça a transparência e o papel educativo da instituição, transformando-o num mediador entre ciência e imaginação, entre técnica e interpretação.

O caso confirma que o património não é apenas a herança do que foi autêntico, mas também das narrativas que o tempo construiu. O manicórdio

é, assim, mais do que um instrumento musical é um objeto de conhecimento e reflexão sobre as contradições e fascínios que moldaram a modernidade europeia.

NOTAS

¹ Odair Monte, “O que é o Clavicórdio?,” *Estudo do Dia*, 24 de maio de 2022, <https://estudododia.com.br/instrumento-musical/o-que-e-o-clavicordio/>.

² Beatriz Silva, “A Coleção de Alfredo Keil no Museu Nacional da Música” (Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra, 2022).

³ Edwin M. Ripin, *The Instrument Catalogs of Leopoldo Franciolini* (New Jersey: J. Boonin, 1974).

⁴ Edwin M. Ripin, *The Instrument Catalogs of Leopoldo Franciolini* (New Jersey: J. Boonin, 1974).

⁵ “Informações sobre História,” Museu Nacional da Música, acessido em 4 de junho de 2024, <https://www.museunacionaldamusica.gov.pt/museu>.

⁶ Ana Paula Tudela e Maria Helena Trindade, *Normas de Inventário: Instrumentos Musicais* (Lisboa: Instituto dos Museus e da Conservação, IP, 2011)

⁷ “Basic Care – Furniture and Objects Made of Wood,” *Canadian Conservation Institute*, 11 de fevereiro de 2018, <https://www.canada.ca/en/conservation-institute/services/care-objects/furniture-wooden-objects-basketry/basic-care-furniture-objects-wood.html>.

⁸ Maria da Conceição Borges de Sousa e Celina Bastos, *Normas de Inventário: Mobiliário* (Lisboa: Instituto Português de Museus, 2004).

⁹ Cesare Brandi, *A Teoria do Restauro* (São Paulo: Ateliê Editorial, 2006).

¹⁰ Cesare Brandi, *A Teoria do Restauro* (São Paulo: Ateliê Editorial, 2006).

Fecha de recepción: 15 de octubre de 2025

Fecha de revisión: 22 de abril de 2026

Fecha de aceptación: 26 de abril de 2026